

LEONA



O Jardim em Seus Olhos

Neurodivergência sob a ótica da igualdade

Paulo Barboni

Prefácio

“AB-SO-LU-TA-MEN-TE MÁ-GI-CO!!!” Não vou antecipar detalhes acerca do desfecho desse instigante e delicioso ‘relato inventado’ por Paulo Barboni em seu “Leona. O Jardim em seus olhos”, mas nesse prefácio é impossível não citar essa fala, uma reação de um dos personagens diante das realizações da encantadora, generosa e inusitada Leona. Também preciso lembrar que não pretendo aqui ser original, pois foi exatamente com essa citação que iniciei o e-mail enviado em resposta à Paulo quando me pediu que compartilhasse com ele minhas impressões acerca do livro.

Não será um ‘spoiler’ – no original inglês ‘aquilo ou aquele que vem para estragar’ – abordar aqui que a personagem Leona é neurodivergente, afinal essa informação Paulo compartilha já na sua nota introdutória. O que talvez Paulo deixe de contar – mas eu não – é que ele, sendo um livre pensador, músico, mas sempre um cientista, iniciou sua invenção narrativa a partir do convívio com personagens reais e depois de uma imersão investigativa no tema. As histórias que ele compartilhou previamente apontavam para situações difíceis, escamosas e perturbadoras e, talvez justamente por isso, minha leitura se apresentou como uma sucessão de surpresas acolhedoras e pacificadoras. Eu avançava pelas páginas me perguntando se, afinal, Leona estaria realmente protegida das desgraças que normalmente desabam sobre as pessoas nesse mundão cruel, particularmente aquelas que são consideradas diferentes e, portanto, de uma forma preconceituosa, de alguma maneira ameaçadoras? Ou pior, suficientemente frágeis para se tornarem alvos de sádicos mal intencionados...

Em resumo, apesar das catástrofes e das tragédias seduzirem muitos leitores, inclusive aqueles movidos por indignação e legítimo desejo de justiça, Paulo oferece algo, num certo sentido, bastante diferente; talvez possamos dizer, ‘algo divergente’... Evidente que o caminho de Leona e de sua família é escorregadio, confuso e ameaçador, principalmente porque trata-se de uma situação na qual todos, inclusive o leitor, caminhamos às cegas. Há problemas, impasses, dúvidas e mágoas, mas de maneira geral o que surpreende e encanta é que Leona, além de resiliente, é livre e autônoma, aliás, é maravilhoso acompanhar seu trajeto junto de seus familiares e amigos, personagens também

cruciais para o desabrochar do respeito, do amor e da felicidade, em Leona e em torno dela. Paulo faz a mágica acontecer quando nos apresenta a ficção e a ‘fantasia’ como um dispositivo que organiza valores, ideias e intenções que deseja compartilhar para assim oferecer ao leitor, com muita sensibilidade, o melhor de Leona: delicadeza, inteligência, alento e acolhimento. Sim, talvez isso possa soar estranho num mundo violento e errático, mas o efeito é delicioso.

Victor Navas

2026

Sobre Victor Navas

Victor Navas é um aclamado roteirista brasileiro com uma trajetória de mais de duas décadas no cinema, televisão e plataformas de streaming. Ganhador de importantes prêmios, como o *Cinema Brazil Grand Prize* por roteiros de filmes como "Carandiru" e "Cazuza: O Tempo Não Pára", ele é reconhecido por sua excepcional habilidade em adaptar e contar histórias brasileiras com forte apelo cultural e social.

Sua obra se destaca pela sensibilidade ao drama humano e pela abordagem das complexidades da condição social, qualidades que se alinham profundamente à bonita tapeçaria narrativa de "Leona".

Capítulo 1: Família

Leona é filha de Catarina Pino Vasquez e de Eugênio Martinez. Catarina e Eugênio moravam juntos no bairro da Aclimação, em São Paulo, quando tiveram Leona.

Catarina e Eugênio cresceram próximos, frequentando a mesma escola.

Eugênio tinha vocação para a medicina e tornou-se cardiologista, formado pela Escola Paulista de Medicina (atual Universidade Federal de São Paulo).

Catarina vinha de uma família de imigrantes espanhóis. Era alta, magra, de pele clara e cabelos castanhos lisos. Destacava-se por sua beleza, elegância e gentileza, sempre tratando todos com cortesia e atenção. Formada em design, dedicava-se a desenhar mobiliário de interiores.

A família viveu feliz até Leona completar 6 anos. Nessa época, começaram a surgir mudanças importantes.

Durante uma manhã na escola, Leona ficou alheia à sala, distraída com o jardim, sem reagir ao tumulto causado por um pote de tinta caído, o que despertou estranheza em quem a observava.

Leona aos 6 Anos

Leona, de 6 anos, tem cabelos negros encaracolados que formam cachos volumosos, diferentes dos lisos da mãe. Seus olhos, também negros, são grandes, brilhantes e expressivos.

A boca vermelhinha de Leona se destaca, especialmente quando ela sorri. Leona apresenta a típica barriguinha infantil, comum para sua idade.

Leona sempre foi uma criança naturalmente sorridente, demonstrando facilidade em expressar alegria e contentamento com sorrisos espontâneos e frequentes. Adora desenhar e passa muito tempo criando. Está na escola desde os 4 anos, adaptou-se bem à rotina e tem bom desempenho.

Agora, Leona fica mais tempo distante. Episódios de alheamento preocupam professores e pais, pois contrastam com sua participação anterior.

Leona tornou-se silenciosa em aula. Fixava o olhar no jardim, mostrava-se desinteressada pelas atividades e distante do ambiente escolar.

Outro aspecto que chamou a atenção da professora e outros funcionários, foi o fato de que no recreio, Leona mudou seu comportamento, em vez de brincar, agora se senta isolada olhando para o jardim, o que preocupou a escola.

Conversas Noturnas

Numa tranquila noite de quinta-feira, Leona brincava com lápis de cor no escritório, enquanto Catarina e Eugênio, no quarto, finalmente tinham tempo para conversar sobre suas preocupações recentes.

Catarina, inquieta, compartilhou com Eugênio que a professora relatou que Leona passou o dia olhando pela janela, alheia. Eugênio ficou surpreso, pois não notara diferença em casa.

— Catarina, talvez seja apenas uma fase — Eugênio se aproximou e sentou-se ao lado da esposa. — Crianças passam por períodos assim; é normal no desenvolvimento.

— Não, Eugênio — ela balançou a cabeça lentamente. — Eu conheço nossa filha. Ela sempre foi comunicativa, sempre quis mostrar seus desenhos, contar sobre o dia na escola. Agora... — a voz de Catarina falhou ligeiramente — agora é como se ela estivesse em outro lugar.

Eugênio, cardiologista, sentia-se perdido diante da situação da filha, incapaz de entendê-la.

— Você tem razão — admitiu após um momento de silêncio. — Eu também tenho notado. Ontem, quando cheguei do hospital, ela nem correu para me cumprimentar como sempre faz.

Os olhos de Catarina se encheram de lágrimas que ela tentou conter piscando rapidamente.

— E se for algo sério, Eugênio? E se nossa menina estiver sofrendo e nós não estivermos percebendo?

— Ei, ei — Eugênio se aproximou mais e colocou o braço ao redor dos ombros da esposa. — Não vamos pensar no pior. Mas você está certa: precisamos fazer alguma coisa.

— A professora sugeriu que procurássemos um psicólogo — Catarina disse, enxugando discretamente uma lágrima que havia escapado. — Ela disse que tem experiência com crianças e que mudanças comportamentais assim merecem atenção.

Eugênio ficou em silêncio por alguns segundos, processando a informação. Sua formação médica lhe dizia que a professora estava certa, mas seu coração de pai resistia à ideia de que algo pudesse estar errado com Leona.

— Talvez seja mesmo a melhor opção — disse finalmente, sua voz demonstrando a inquietação que tentava esconder. — Um profissional pode nos ajudar a entender o que está acontecendo.

— Você acha que fizemos algo errado? — Catarina perguntou, sua voz quase um sussurro.

— Não, amor — Eugênio a abraçou com força. — Você é uma mãe maravilhosa, e nós sempre demos amor e atenção à Leona. Às vezes essas coisas acontecem sem uma causa específica.

Do escritório, chegava o som suave de Leona cantarolando baixinho enquanto desenhava, um som que antes os tranquilizava, mas que agora parecia carregar uma melancolia que eles não conseguiam compreender.

— Vou procurar indicações amanhã — disse Eugênio, beijando o topo da cabeça de Catarina. — Talvez algum colega do hospital conheça um bom psicólogo infantil.

— Obrigada — Catarina murmurou, encostando a cabeça no ombro do marido. — Eu só quero que nossa menina volte a ser feliz como antes.

— Ela vai voltar — Eugênio disse, tentando transmitir uma confiança que ele mesmo não sentia completamente. — Vamos descobrir o que está acontecendo e vamos ajudá-la.

Os dois ficaram ali, abraçados, ouvindo os sons suaves da filha no escritório, cada um perdido em seus próprios pensamentos e medos, mas unidos na determinação de encontrar respostas para as mudanças que vinham observando em Leona.

Apoio familiar

Na manhã seguinte, Catarina ligou para sua irmã Ana Cláudia logo após Eugênio sair para o hospital. Precisava conversar com alguém da família, alguém que a conhecesse desde sempre e pudesse entender suas preocupações sem julgamentos.

— Ana, você tem um tempinho para conversar? — Catarina perguntou assim que a irmã atendeu o telefone.

— Claro, Cat. Você parece preocupada. Aconteceu alguma coisa?

Catarina se acomodou na poltrona da sala, de onde podia ver Leona brincando no tapete com seus lápis de cor, mais uma vez absorta em seus desenhos.

— É sobre a Leona — começou, baixando a voz. — Ela tem se comportado de forma muito estranha nas últimas semanas.

— Estranha como?

— Na escola, ela fica o tempo todo olhando pela janela, não brinca com as outras crianças, quase não fala. Em casa também está diferente, muito quieta, distante. Ontem à noite eu e Eugênio decidimos procurar um psicólogo.

Do outro lado da linha, Ana Cláudia ficou em silêncio por alguns segundos.

— Psicólogo... — repetiu, sua voz carregando uma preocupação que Catarina conhecia bem.

— Ana, você está pensando no tio Ramón, não é?

— Não posso negar que passou pela minha cabeça — Ana Cláudia admitiu. — Você se lembra de como ele era quando éramos pequenas?

Catarina fechou os olhos, as memórias voltando com clareza indesejada.

— Como esquecer? Mamãe sempre dizia para não fazermos barulho quando ele estava em casa. Ele ficava horas olhando para o nada, falando sozinho...

— E os surtos — Ana Cláudia acrescentou. — Lembro da vovó chorando, dizendo que ele não era mais o mesmo menino alegre de antes.

Catarina sentiu um aperto no peito. Ramón, irmão mais novo de seu pai, havia desenvolvido problemas psiquiátricos ainda jovem. A família havia tentado de tudo — médicos, tratamentos, internações —, mas ele nunca conseguiu levar uma vida normal.

— Ele passou a vida inteira indo de médico em médico — Catarina murmurou. — Lembro do papai contando que gastaram tudo o que tinham tentando encontrar uma cura.

— E nunca conseguiram — Ana Cláudia completou. — Ele morreu aos 50 anos, ainda doente, ainda dependente da família.

As duas irmãs ficaram em silêncio, cada uma perdida em suas próprias lembranças daquele tio que havia marcado a infância delas com sua presença perturbadora.